

## O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx

*Work as a link between the thought of Simone Weil and Karl Marx*

Isabel de Lavôr e Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio tem por objetivo compreender alguns elementos característicos do trabalho dentro dos moldes capitalistas. Nesse sentido, a base teórica que subsidiará o estudo baseia-se no pensamento de Simone Weil e Karl Marx, procurando estabelecer uma conexão entre os dois autores acerca de suas críticas a respeito das condições de trabalho oriundas do modo de produção capitalista.

**Palavras-Chave:** Trabalho. Capitalismo. Simone Weil. Karl Marx.

**Abstract:** This rehearsal aims to understand some characteristic elements regarding work within the capitalist model. In this sense, the theoretical basis that will support the study is based on the thinking of Simone Weil and Karl Marx, seeking to establish a connection between the two authors regarding their criticisms regarding the working conditions arising from the capitalist mode of production.

**Keywords:** Work. Capitalism. Simone Weil. Karl Marx.

### Introdução

A importância de Karl Marx (1883-1920) em qualquer discussão que se pretenda desenvolver em torno do trabalho dispensa extensas justificativas, vez que as clássicas definições por ele elaboradas, ainda representam a maior referência sobre o assunto. De acordo com Gareth Jones (2017, p. 17): “Por mais interessante que tenha sido a vida de Marx, sua importância duradoura vem do impacto das ideias que desenvolveu numa série

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB), Mestra em Educação pelo Instituto Federal de Brasília (IFB), Pedagoga pela Universidade do Distrito Federal (UDF), licenciada em Filosofia pelo Centro Claretiano, bacharel em Direito pela Faculdade Fortium. Docente da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). ORCID: 0000-0002-1098-8679 - E-mail: isadelavor@gmail.com



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

de textos cujo valor e significado deram ensejo a acirrados debates políticos desde seu surgimento”.

De fato, suas críticas em torno do modo de produção capitalista, da exploração do trabalhador, bem como seu ideal de emancipação do povo por meio da revolução do proletariado, embora tenham sido em muitos momentos desacreditadas, não deixaram de repercutir e inspirar movimentos e debates. Neste ensaio, serão ressaltadas algumas de suas reflexões acerca de categorias específicas do trabalho, que encontram consonância com aquelas desenvolvidas pela filósofa Simone Weil.

Caberia aqui, talvez, justificar a escolha de Simone Weil (1909-1943) para compor junto com Karl Marx as análises acerca do trabalho. Menos conhecida, porém não menos contundente, Simone Weil nasceu em Paris e cresceu em um ambiente familiar imerso em cultura e estímulos acima da média. Ecléa Bosi, pesquisadora que assina a introdução de obra de Weil (1979), referência do presente ensaio, destaca que desde a infância Weil evidenciava dois traços marcantes que a acompanharam até o fim da vida: atenção ao mundo e uma vontade inquebrável.

Com tais palavras pode-se compreender o cunho das inclinações de Weil e o caráter humanitário que inspirou sua trajetória acadêmica, bem como sua vida pessoal. A preocupação com a coletividade é uma marca de sua obra, na qual afirma: “a única possibilidade de salvação estaria numa cooperação metódica de todos, fortes e fracos” (Weil, 1979, p.303).

Além de tudo aquilo que deixou registrado em forma de ensaios, cartas ou em suas aulas, a vida de Weil testemunha seu engajamento em relação ao trabalho. A partir de seu envolvimento com atividades sindicais, ela une seu trabalho como professora à sua militância em prol dos operários com o sonho de oferecer a eles um tipo de educação que pudesse criar uma universidade operária. Em meio às lutas e perseguições, Simone passa a trabalhar como operária na fábrica, entre os anos de 1934 e 1935, onde desenvolve suas críticas, agora a partir de suas percepções pessoais em torno do trabalho.

Um ponto que certamente une o pensamento de Karl Marx e Simone Weil é o devotamento ao trabalho. Se para Marx o trabalho é a atividade essencial, na qual o



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

homem se constitui como tal, sendo indissociável da sua própria existência, para Weil, o trabalho é capaz, além de preencher de sentido a vida material, de elevar esta mesma vida a uma esfera espiritual.

Deste modo, o presente trabalho se divide em tópicos que objetivam desenvolver temáticas relativas ao trabalho exercido a partir dos moldes capitalistas. Assim, serão apresentadas contribuições dos dois autores, com vistas a estabelecer um diálogo entre suas ideias e visualizar possíveis divergências ou convergências.

### **Centralidade do trabalho e sua relação com a natureza**

A relação entre o homem e a natureza ocupa especial importância na obra de Weil. Para ela, os obstáculos impostos pela natureza representam uma forma do homem autodominar-se e exercitar a disciplina, visto que esse necessita de freios para não ceder facilmente às paixões que o dominariam. (Weil, 2020).

Nas formas primitivas de produção, de acordo com Weil, o esforço que o homem exerce na caça, pesca e colheita, representam uma reação simplificada do homem em direção a pressão da natureza. Essa ação se realiza de maneira quase imediata, através da intuição: “análoga ao instinto animal” (Weil, 2020, p. 47), da observação dos fenômenos naturais e também da contínua repetição de certos procedimentos.

Conforme o modo de produção passa a ser cada vez mais elevado, essa relação direta entre o homem e a natureza, embora ainda se mantenha, se torna cada vez mais flexível e menos coercitiva. Os esforços agora, não visam atender apenas a necessidades imediatas, do mesmo modo que se dilatam a coordenação entre o tempo e o espaço:

Em resumo, o homem parece passar por etapas, em relação à natureza, que vão da escravidão ao domínio. Ao mesmo tempo, a natureza perde gradativamente seu caráter divino, e a divindade reveste cada vez mais a forma humana”. (Weil, 2020, p. 48)

Entretanto, essa aparente emancipação do homem em relação à natureza seja apenas aparente, vez que toda forma de opressão tem sua origem, de uma forma ou de outra, nas forças da natureza. Weil (2020) salienta ainda que é a natureza da força que determinará se essa será ou não opressora, e afirma que o próprio Marx percebeu isso



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

claramente, no que se refere ao Estado: “compreendeu que essa moenda humana não pode parar de moer enquanto estiver em exercício, esteja em que mão estiver” (Weil, 2020, p. 48).

A ação do homem sobre a natureza se materializa nos objetos por ele construídos que o servem de utensílios, no qual a fábrica, segundo Weil (1979, p. 130), ocupa um lugar central: “as lâmpadas, as correias, os ruídos, a dura e fria ferragem, tudo concorre para a transmutação do homem em operário”.

Essa ação travada pelo homem com a natureza representa para Marx (2011) a própria condição da existência humana. Tal estrutura evidencia, portanto, uma eterna necessidade a ser atendida, que resiste a toda e qualquer forma social. No trabalho, a matéria que existe na natureza, altera-se com a atividade humana a fim de atender a determinada finalidade, daí o vínculo indissociável entre a natureza e o trabalho: “o trabalho é o pai da riqueza material, como diz William Petty, e a terra é a mãe” (Marx, 2011, p. 119). Isso porque a ação do homem é incessantemente amparada pelas forças da natureza.

Assim, segundo Marx (2011), na sociedade capitalista as mercadorias que o homem produz são todas elas fruto da força do trabalho humano. O *tipo* de trabalho poderá variar, assumindo diferentes formas e critérios a depender da cultura, mas o valor da mercadoria será: “sua unidade de medida que são determinadas por meio de um processo social que ocorre pelas costas dos produtores e lhes parecem assim, ter sido legadas pela tradição” (Marx, 2011, p. 120).

Deste modo, as formas de produção configuram-se de tal maneira que se torna inviável distinguir seu princípio, estando assim, presentes independentes da vontade dos indivíduos, através de uma estrutura que aparenta ser intransponível.

### **Relação entre trabalho, corpo e saúde**

Por meio de carta enviada a uma aluna, Weil (1979) recomenda que a mesma pratique algum tipo de esporte. Caso esteja sendo impedida de fazê-lo por seus pais,



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

espera que encontre um modo de exercitar-se, ainda que consista em passeios pelas montanhas.

A sugestão, entretanto, vai muito além dos benefícios do esporte em relação a saúde, pois Weil (1979) lamentava sua falta de destreza nas atividades da fábrica, fruto da falta do exercício: “nada pode substituir o que não foi adquirido antes dos 20 anos. Nunca seria demais recomendar-lhe que exercitasse ao máximo seus músculos, mãos, olhos. Sem exercício, a gente se sente, de um modo todo especial, incompleto” (Weil, 1979, p. 71).

A relação entre a estrutura do trabalho na fábrica e a debilitação na saúde dos operários é descrita por Weil, que afirma: “não estou longe de concluir que a salvação da alma de um operário depende, em primeiro lugar, da sua constituição física” (Weil, 1979, p. 79). E conclui que a única saída acaba sendo a conformação, pois a revolta com o trabalho gera irritação, e esse estado de espírito leva a uma produção ruim, ocasionando a perda do emprego: “como cavalos que se ferem a si próprios quando puxam os freios – o jeito é curvar-se” (Weil, 1979, p. 80).

Os problemas de saúde dos operários também foram diagnosticados por Marx (2011) que afirmava que grande parte deles advinha da venda da força de trabalho, negociada a partir de condições de exploração, na qual os limites tendiam a ser cada vez mais “elásticos” de modo que: “o capitalista faz valer seus direitos como comprador quando tenta prolongar o máximo possível a jornada de trabalho e transformar, onde for possível, uma jornada de trabalho em duas” (Marx, 2011, p. 258).

A deterioração da saúde de crianças e adolescentes trabalhadores também foi denunciada por Marx, ao descrever a situação deplorável na qual se encontravam esses jovens, e o medo dos donos das firmas em perder os lucros, o que os levava a alimentá-los: “durante o próprio processo de produção, como se suas refeições fossem mera matéria auxiliar do meio de trabalho, tal como o carvão e a água servem à máquina a vapor, o sabão à lã, o óleo à engrenagem” (Marx, 2011, p. 270).

Esse ciclo que degenera a saúde desde a infância encontra em Marx uma explicação: para manter o trabalho e sua remuneração, o trabalhador deverá produzir



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

amanhã da mesma forma que produziu hoje. As suas necessidades naturais de alimentação, vestimenta e moradia deverão permitir que sua força e saúde se conservem em condições médias para manutenção da vida e da produção.

Entretanto, o trabalhador “é mortal” (Marx, 2011, p. 2010), e por isso deverá criar meios de perpetuar sua força de trabalho, pois esta será constantemente substituída por novas forças de trabalho. Logo, os meios de subsistência, para Marx, deverão garantir, além da manutenção da vida do trabalhador, também o de seus filhos, ou substitutos. E parte dessa perpetuação da força de trabalho dependerá de habilidades específicas e diretivas, a partir de uma educação e formação previamente determinadas.

### **Progresso científico e tecnológico**

É seguro afirmar que a concepção moderna de tecnologia, que reduziu o termo a aparatos sofisticados, de nada se relaciona com o que Marx entendia pelo termo, relacionando-o a tudo aquilo que o homem cria com vistas a mediar sua relação com a natureza. Conforme salientam Silva e Alves (2020, p. 2): “as tecnologias aparecem como formas de desenvolvimento da própria relação ativa e transformadora que os seres humanos têm com o mundo.”

Nesse sentido, a ciência enquanto meio para a tecnologia, se bem utilizada, segundo Weil (2020), deveria levar ao progresso através de métodos capazes de dominar a natureza ao mesmo passo que elevam a lucidez dos homens: “é possível conceber uma ciência que proponha como fim último aperfeiçoar a técnica, não para torna-la mais poderosa, mas simplesmente mais consciente e mais metódica” (Weil, 2020, p. 110).

Assim, as contradições do conhecimento científico se revelam quando o saber científico em si trabalha *contra* o homem e não em *favor* dele, como evidenciado na grande indústria, que cada vez mais enfraquece um número demasiado de trabalhadores. Para Marx, a verdadeira emancipação dos proletariados jamais poderia ser concebida sem o acesso: “a técnica consciente da ciência” (Marx, 2011, p.661) que possibilitaria a transformação dos meios de trabalho, agora elaborados coletivamente. Ocorre que, no modo de produção capitalista, todos os métodos desenvolvidos para o aumento da força



## O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx

Isabel de Lavôr e Silva

produtiva são utilizados em desfavor do trabalhador individual: “degradam-no à condição de um apêndice da máquina” (Marx, 2011, p. 564). A ciência, assim, torna-se um elemento desagregador entre o homem e o trabalho, que aniquilam sua potência e seu ânimo.

As ferramentas, enquanto materialização da ciência em prol da atividade produtiva é fonte de diversas indagações que Weil registra em forma de diário, como um lembrete a si mesma:

Perguntas a fazer ao almoxarife: às vezes se inventam ferramentas?  
Princípio das máquinas ferramentas. As ferramentas são transformações de movimentos. Inútil portanto que o movimento a ser transformado seja impresso pela mão.  
Pergunta: podem-se criar máquinas automáticas leves? Por que não?  
Ideal? 1º que não haja autoridade a não ser a do homem sobre a coisa e não a do homem sobre o homem.  
2º, que tudo o que, no trabalho, não seja a tradução de um pensamento em ato seja confiado à coisa.  
(Que o parcelamento seja o papel da máquina...) com uma idéia universal das transformações de movimentos...  
Que todas as noções físicas expressem diretamente realidades técnicas (mas sob forma de relação); exemplo: potência. (Weil, 1979, p. 91)

Diante de tais palavras, pode-se extrair algumas ideias acerca do que vislumbrava Weil sobre a ligação existente entre o trabalhador, a máquina e a ferramenta. Primeiramente, questiona sobre quem são os responsáveis pela invenção das ferramentas. Evidencia assim, que além do uso dos aparatos terem sido impostos aos trabalhadores, representam também um processo findo, que não acompanha o dinamismo do trabalho na fábrica, embora o caráter dinâmico do trabalho nem mesmo se reconheça com a limitação de movimentos.

Além disso, Weil, de modo semelhante a Marx, salienta que o desenvolvimento da maquinaria tem tornado os operários dominados por ela, e que é imperioso retomar o domínio do homem sobre a máquina, sem jamais permitir que essa dominação se traduza no domínio *entre* os homens.

### Produto e remuneração

Os produtos surgem como mercadorias a partir da divisão social do trabalho, que representa o conjunto de divisões entre gêneros, espécies e subespécies de diferentes



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

trabalhos úteis. Segundo Marx (2011), tal divisão é condição para existência da produção de mercadorias, pois somente a completa separação e independência dos trabalhos privados, permite que os produtos possam ser confrontados uns com os outros enquanto mercadorias. O produto, em todas as condições sociais, será sempre objeto de uso, mas: “o produto de trabalho só é transformado em mercadoria numa época historicamente determinada” (Marx, 2011, p. 132). Assim, a qualidade objetiva de determinado objeto, ou seja, seu valor, encontra-se sempre determinada pela estrutura social vigente.

Nas lojas e nos mercados, segundo Weil (1979), somente os produtos de fato contam, jamais o trabalho que os suscitou. Nesse sentido: “a relação entre o trabalho fornecido e o dinheiro recebido é tão dificilmente captável que parece quase contingente, fazendo com que o trabalhado pareça escravidão e o dinheiro um favor” (Weil, 2020, p. 129). Assim, submetidos a um sistema que os desumaniza, o receio com o número excessivamente grande de desempregados, bem como o medo de mendigar, fazem com que o salário recebido pela produção, pareça mais como uma esmola do que com um salário.

O produto, enquanto fruto do trabalho carente de propósito é criticado por Weil, que lamenta:

Ignorar totalmente aquilo em que se trabalha é excessivamente desmoralizante. Não se tem o sentimento de que um *produto* resulta dos esforços que se estão fazendo. A gente não se sente, de forma alguma, no número dos produtores. Também não se tem o sentimento da relação entre o trabalho e o salário. (WEIL, 1979, 90)

Nesse ponto, tanto em Weil quanto em Marx, é estabelecida uma relação direta entre a fragmentação do trabalho e a alienação do trabalhador frente ao seu produto. Weil salienta ainda que, devido a essa divisão, o operário se torna ignorante frente ao trabalho, o que retira dele a dignidade diante do ofício.

A remuneração recebida a partir dessa produção é: “uma forma modificada de trabalho por tempo” (Marx, 2011, p. 492), pois é comum incorrer na interpretação de que tal valor corresponderia apenas ao trabalho materializado no produto, e de que o mesmo não seria determinado pelo tempo empreendido na força de trabalho diária gasta.





## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

Assim, de acordo com Marx (2011) as duas formas de salário existem ao mesmo tempo, nos mesmos ramos industriais. Entretanto, embora a peça e o tempo de trabalho façam parte do mesmo processo, no modo de produção capitalista, a remuneração ora dar-se-á baseada na peça, e em outras funções terá o tempo como medida. Nesse sentido: “a forma do trabalho por peça é tão irracional quanto a do salário por tempo” (Marx, 2011, p. 493), pois o valor da peça não corresponde ao tempo de trabalho gasto, e sim ao tempo empreendido pelo trabalhador, medido pelo número de peças que ele é capaz de produzir nesse período.

A desproporcionalidade de salários entre as categorias, para Weil (1979) representa um dos principais motivos da desunião entre os trabalhadores: “esse obstáculo nasce das pequenas desigualdades, que são grandes, em relação aos magros salários” (Weil, 1979, p. 109). Assim, enfatiza-se que, em função dessas disparidades salariais, nascem sentimentos de inveja e desconforto, e que, embora uma plena igualdade na remuneração não se estabeleça de imediato, deve-se ao menos diminuir “consideravelmente” essas diferenças.

### **Lazer e descanso**

Sobre os pequenos momentos de distração que o ambiente de trabalho poderia proporcionar, Weil afirma: “o chefe da seção não gosta que as operárias que esporadicamente estejam sem trabalho, se reúnam com outras para conversar [...] as operárias nem se perguntam porquê. Comentários delas: ‘os chefes são feitos para mandar’”. (Weil, 1979, p. 90). Daí expõe o minucioso controle ao qual estão submetidos os trabalhadores, e do qual não mais estranham.

A supressão do tempo de descanso, usurpado pelos capitalistas segundo Marx (2011), é contemplada pelos inspetores da fábrica, ao concluírem que esses pequenos “furtos” correspondem a não mais que “pequenos surrupios de minutos”<sup>2</sup>. Tal situação é

---

<sup>2</sup> Parte dos relatórios publicados desde 1845 por Friedrich Engels, no qual descreve a condição em que vivia a classe trabalhadora nesse período.



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

revelada no depoimento de um empregador: “Se permitires [...] que eu faça com que meus operários trabalhem diariamente apenas 10 minutos além do tempo da jornada de trabalho, colocarás em meu bolso \$1.000 por ano”<sup>3</sup>.

Assim, a falta de delimitação entre tempo de trabalho e tempo livre é determinante para ocultar as intenções do capital, ao conceder de maneira desvirtuada o repouso ao trabalhador: “Por quanto tempo a jornada de trabalho pode ser prolongada além do tempo de trabalho necessário? [...] a jornada de trabalho possui 24 horas inteiras.” (Marx, 2011, p. 280). A afirmativa denota que, para o capital, o trabalhador não passará de força de trabalho, e o tempo disponível para sua recuperação e manutenção da saúde será admitido apenas para que ele não se torne completamente incapaz de retornar ao trabalho.

A necessidade de encontrar lazer e distração é narrada por Weil (1979), ao fim de uma jornada de trabalho contando “centavo por centavo”: “é tão grande a necessidade de relaxar que todas as lojas atraem” (Weil, 1979, p. 102). Entretanto, como cada centavo conta, não restam muitas opções para que o trabalhador se torne consumidor, pois além de ter sua capacidade física reduzida, não lhe restam meios para isso. Assim, a privação de qualquer possibilidade de descontração leva-o à loucura: “nunca ao sossego” (Weil, 1979, p. 102). Um dos poucos instantes em que recordou ter experimentado alegria na fábrica adveio de sua participação em uma greve: “alegria de encontrar tantos sorrisos, tantas palavras de acolhimento fraterno [...] alegria de ouvir, em vez do barulho impiedoso das máquinas, símbolo tão patente da necessidade dura que nos dobrava, música, cantos e risos.” (Weil, 1979, p. 106).

Assim, para Weil, diferente dos seres inanimados como a pedra e o vento, nos homens sempre persiste a necessidade de movimento, de forma que toda ação, feliz ou não: “estabelece entre o homem e a matéria um equilíbrio que não pode ser rompido senão de fora” (Weil, 2020, p. 53). Daí, extrai-se a ideia da essencialidade do dinamismo na expressão humana, constantemente reprimida pela dominação do capital.

---

<sup>3</sup> Idem.



## O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx

Isabel de Lavôr e Silva

### **Alienação e escravidão**

A relação que os trabalhadores estabelecem com sua atividade, bem com o produto resultante dela a partir do modo de produção capitalista, encontra em Marx e Weil, dois termos precisos: alienação e escravidão. A necessidade de produção cada vez mais intensa imposta pelo capitalista viola continuamente o trabalhador: “fazendo dele um ser parcial [...] alienam ao trabalhador as potências espirituais do processo de trabalho” (Marx, 2011, p. 564). Essa alienação decorre da divisão entre trabalho manual e intelectual, que fragmenta a produção, impedindo que o trabalhador reconheça o objeto por ele fabricado. Conforme afirma Jacob Gorender (2011) na introdução de *O capital*, edição 2011, diferente do que foi elaborado por Hegel a respeito do termo alienação, em Marx pela primeira vez a expressão passa a relacionar-se à vida econômica, representando o distanciamento dos operários frente aos produtos por eles produzidos que, enquanto produtos alienados, se contrapõem aos próprios trabalhadores.

Desta forma, a necessidade de ultrapassar a fragmentação do trabalho, ou seja, a atividade unilateral exercida pelo homem na fábrica, é meio necessário para: “superar a alienação concreta, a separação entre o trabalho e a manifestação de si mesmo” (Manacorda, 2007, p. 42). A possibilidade de aproximação do trabalhador de seu produto dependerá, portanto, do quanto ele domina o processo de produção, o que exigirá o desenvolvimento das mais variadas habilidades, quase sempre negadas pelo seletista modelo de instrução capitalista.

No seu diário de fábrica Weil (1979) reflete, a partir de uma situação de esgotamento que, segundo ela, quase a faz esquecer as razões pelas quais se encontra naquela situação: “me lembro que *também* sou um ser pensante” (Weil, 1979, p. 79). Essa dependência das circunstâncias exteriores a leva a crer que um dia a menos de descanso semanal a conduziria a um estado de completa resignação. Essa adaptação representaria o único meio possível de sobrevivência, sem o qual seria por demais penoso qualquer lampejo de consciência.



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

A servidão no trabalho, segundo Weil, é sentida através de elementos determinantes, sendo o principal deles o relógio. Em *A Condição Operária e outros estudos sobre a opressão* (1979), são inúmeras as referências da autora ao condicionante tempo no cotidiano da vida na fábrica. Em passagens do texto, escrito em forma de diário, Weil descreve as semanas e dias de trabalho extenuantes, no qual sentia perder a saúde, a liberdade e grande parte de sua dignidade pessoal:

Me levantava com angústia, ia para a fábrica com medo; trabalhava como uma escrava; a pausa de meio dia era uma aflição; voltava às 5h:45, preocupada em dormir logo e o bastante (o que não acontecia) e em levantar-me bem cedo. O tempo era um peso intolerável (Weil, 1979, p. 88)

Além do tempo, a sensação de estranheza do trabalhador supera aquela que ele direciona ao objeto e se relaciona, de maneira igualmente profunda, ao seu local de trabalho. Nesse sentido, para Weil (1979), perde-se um elemento indispensável para os seres humanos, que é o sentimento de apropriação: “uma cozinheira diz: ‘essa cozinha é minha’, um jardineiro diz ‘minha grama’, e está certo” (Weil, 1979, p. 137). O operário, entretanto, permanece estranho à fábrica, incapaz de estabelecer com ela qualquer relação de intimidade ou pertencimento.

Diferente de Marx, Weil jamais supôs que da escravidão pudessem surgir homens livres: “jamais até hoje na história um regime de escravidão caiu sob o golpe de escravos” (Weil, 2020, p. 128). Para ela, depois que a escravidão se ancora em homens escravos, essa se torna necessária (e até amada) por eles. O valor da liberdade deste modo, só poderá ser percebido por aqueles que a possuem.

### **Relações manifestas: entre a fraternidade e a opressão**

De acordo com Weil (1979), dois fatores colaboram para desenvolver a escravidão: a rapidez e as ordens. A rapidez exige que se aumente a cadência do movimento em detrimento de tudo o que poderá ameaçá-la: sentimentos, irritação, tristeza e até mesmo o livre curso do pensamento devem ser aniquilados. Sobre as ordens, afirma que: “desde o momento em que se bate o cartão na entrada até aquele momento em que se bate o



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

portão na saída, elas podem ser dadas, a qualquer momento, de qualquer teor” (Weil, 1979, p. 65)

Afirma ainda que, mesmo quando as ordens se demonstram inexecutáveis, ou mesmo contraditórias, se determinadas por dois chefes, ainda assim, deve-se “engolir” os próprios acessos de enervamento e humor que, além de dobrar o corpo, dobram também os pensamentos.

Já para Marx (2011), como a qualidade e a intensidade são medidas pela forma de salário, a supervisão do trabalho se torna algo dispensável, pois o próprio trabalhador passa a ser igualmente interessado em produzir mais. A opressão, para Marx (2011), possui duas formas básicas. A primeira deriva do salário por peça, pois este facilitaria a “interposição de parasitas entre o capitalista e o assalariado” (Marx, 2011, p. 494). O ganho desses intermediários corresponde a diferença entre o preço pago pelos capitalistas, e o que eles efetivamente deixam chegar aos trabalhadores. A segunda representa o cerne da exploração, que se dá no momento em que o capitalista acorda determinado valor com o trabalhador, e este contrata para si seus auxiliares, consolidando assim a exploração entre trabalhadores.

Weil também faz uso do termo “parasitas” e aplica-o na referência aos inúmeros serviços dispensáveis que o modelo de produção de Taylor<sup>4</sup> fez surgir. O taylorismo, segundo ela, elevou o número de “trabalhadores inúteis”, aumentando a produção, não dos serviços essenciais, como se poderia supor, mas sobretudo de objetos de luxo, reduzindo o número de trabalhadores devido à “racionalização da mecânica” (Weil, 1979, p. 123).

De acordo com Marx, a exploração do trabalho e a opressão, ao mesmo tempo que degeneram o trabalhador, são os elementos capazes de inflar as sementes de revolução, pois esse processo desperta revolta nos trabalhadores. Essa é a contradição característica

---

<sup>4</sup> Modelo de produção desenvolvido por Frederick Taylor, no fim do século XIX. Buscava a racionalização do trabalho a partir de um adestramento com vistas a elevar a produtividade por meio da gestão do tempo e controle dos movimentos (Apolinário, 2016).



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

do modo de produção capitalista segundo ele, pois é de maneira simultânea fonte de abuso, mas também de união entre a classe de operários.

Mesmo diante da dureza do trabalho fabril, Weil salientou a contrastante relação de indiferença e solidariedade presentes naquele espaço: “a fábrica poderia encher a alma com o poderoso sentimento de vida coletiva [...] tão mais inebriante quanto mais inalterado é o sentimento da solidão” (Weil, 1979, p. 130). De acordo com a mesma, os desafios de certos trabalhos poderiam conduzir a uma extrema felicidade, porém essa é incompleta devido à falta de chefes e colegas de trabalho que apreciem seu valor. Tal indiferença priva os homens do “calor humano” dos quais sempre se tem necessidade, de modo que “não se consegue amarrar a camaradagem entre os homens” (Weil, 1979, p. 135), restando aos chefes o papel de guias e supervisores entre os homens, mas sempre de forma “impessoal, brutal e fria como o ferro” (Weil, 1979, p. 135).

Em alguns momentos, Weil destaca, em seu cotidiano na fábrica, pequenas ocasiões de solidariedade entre seus colegas de trabalho: “alguns incidentes no decorrer do trabalho trazem, é verdade, alguma alegria, mesmo quando reduzem o salário. Primeiro os casos, que são raros, em que se recebe, em cima da hora, um precioso testemunho de camaradagem; depois todos os casos em que a gente consegue se virar sozinho” (Weil, 1979, p. 134).

A falta de relações mais estreitas entre os operários tem uma explicação para Weil, que atribui o fato ao sistema brutal e indiferente no qual se encontram os trabalhadores. A opressão nesse sentido é: “quase irresistível, comparável à gravidade” (Weil, 1979, p. 136), pois as relações passam a refletir a frieza do espaço. De modo geral, as relações entre os operários se estabelecem entre coisas, jamais entre pessoas. (Weil, 1979). Nesse sentido, inverte-se o papel entre produtor e produto, pois as peças possuem tal poder, que: “pode-se acreditar que elas é que são pessoas, e os operários é que são intercambiáveis” (Weil, 1979, p. 135). As máquinas, assim, representam apenas um meio pelo qual o operário assegura sua remuneração, pois as operações que ele executa cada vez mais se tornam desconhecidas, sem relação com atividades anteriores, nem mesmo com as que se seguirão.



## O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx

Isabel de Lavôr e Silva

### Socialismo e liberdade

Aqui, novamente se revelam duas concepções bastante marcantes dos dois autores, referente ao seu genuíno desejo de mudança. Para Gareth Jones (2017) a transição do capitalismo para o socialismo almejada por Marx, ocorreria de maneira bem menos violenta do que muitos supunham, desassociando o processo de ascensão do proletariado à sangrenta tomada de poder associada ao comunismo do século XIX, e sim de uma mudança social-democrática, assim definida em *O Capital*: “No lugar do pomposo catálogo dos ‘direitos humanos inalienáveis’, veio a modesta Carta Magna de uma jornada de trabalho legalmente limitada” (Marx, 2011, p. 304).

Conforme elucida Jones (2017) Marx, via nas fábricas cooperativas uma demonstração de que o trabalho associado poderia transformar os atuais modos de produção, não através de argumentos contundentes, mas sim por meio da ação. No célebre discurso escrito em 1864, Marx afirmara: “o trabalho escravo, como o trabalho servil, a mão de obra contratada é apenas uma forma transitória e inferior, fadada a desaparecer diante do trabalho associado que maneja suas ferramentas com mão disposta, mente ágil e coração satisfeito” (Marcello Musto, 2014, p.98).

Weil por sua vez, afirmava que a maior dificuldade em superar a exploração do capitalista se encontrava no seguinte impasse: é necessário que a fábrica produza sempre e cada vez mais, da forma menos custosa possível, necessitando para isso da ação dos trabalhadores; de outro lado esses mesmos trabalhadores possuem aspirações distintas do regime das empresas, de modo que as ambições desses dois polos não coincidem: “seria bom demais se os processos de trabalho mais produtivos fossem ao menos mais agradáveis” (Weil, 1979, p. 115), essa solução, porém seria irrealizável.

Deste modo, a maior dificuldade reside no modo de produção, que segundo ela, deveria ser capaz de transformar matéria prima em produto, sem rebaixar física nem moralmente seus trabalhadores:

Este problema não começou sequer a ser resolvido, porque não foi sequer formulado: de forma que, se amanhã nos apoderássemos das fábricas, não



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

saberíamos o que fazer e seríamos obrigados a organizá-las como estão atualmente, depois de um tempo mais ou menos longo de flutuação. (Weil, 1979, p.115)

E reconhece ela mesma, não ser capaz de oferecer prontamente uma solução, isso porque somente os próprios trabalhadores ao adentrarem o chão da fábrica serão capazes de descobrirem novas formas de organização, divergindo de Marx, visto que:

Marx supunha, sem na verdade prová-lo, que toda espécie de luta pelo poder desaparecerá no dia em que o socialismo triunfar em todos os países industrializados; o único porém é que, como o próprio Marx reconhecia, a revolução não pode ser simultaneamente levada a cabo em todos os lugares. (Weil, 2020, p. 14)

Desta forma, a situação que Weil apresenta se evidencia quando a revolução se estabelece apenas em um país, levando-o a explorar e oprimir ainda mais seus trabalhadores com medo de mostrar-se frágil diante de outras nações: “A história da Revolução Russa constitui uma ilustração dolorosa disso” (Weil, 2020, p.15).

Embora não seja intenção do presente artigo pormenorizar cada elemento elaborado por Marx e Weil para emancipar os trabalhadores, procura-se demonstrar algumas das ideias que norteiam seus projetos de transformação. De acordo com Mario Manacorda (2007) Marx acreditava que toda e qualquer forma de vida plenamente “humana” estaria ligada ao problema do tempo de trabalho. Nesse sentido, o capitalista estaria sempre buscando reduzir o tempo de trabalho necessário, e aumentar o tempo de trabalho supérfluo, produtor de mais-valia.<sup>5</sup>

Para Manacorda (2007) esse tempo disponível no qual Marx se refere, é o tempo para usufruir com a apreciação e criação de cultura, arte, etc.. sendo condição indispensável para efetivar o desenvolvimento social e para emancipação dos indivíduos. A verdadeira riqueza nesse contexto é desenvolvida pelo autor:

A universalidade das necessidades, das capacidades, dos prazeres, das forças produtivas etc, dos indivíduos, gerada no intercâmbio universal, é o pleno desenvolvimento do domínio humanos sobre as forças da natureza; é a absoluta exteriorização das faculdades criativas, sem outras condições que o precedente desenvolvimento teórico” (Manacorda, 2007, p.71)

---

<sup>5</sup> Mais valia compreende o que Marx definiu como sendo o tempo de trabalho excedente, na qual o trabalhador não é remunerado, mas que é captado em forma de lucro pelo capitalista.





## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

Nesse sentido, conforme salienta Manacorda (2007), Marx compreendia que o socialismo só seria possível, depois que se esgotassem todas as possibilidades contidas na própria estrutura do capitalismo, assim: “a nova forma social só pode prevalecer quando se manifesta, senão de fato, pelo menos como tendência dominante e global”. (Manacorda, 2007, p. 18).

A possibilidade de libertação e sua relação com a união dos trabalhadores são assim sublinhadas por Weil: “é verdade que em todos os âmbitos as forças coletivas superam infinitamente as forças individuais” (Weil, 2020, p. 99). A ambivalência dessa circunstância reside no fato de que “as coletividades não pensam”, pois o pensamento só pode ser concebido no indivíduo. Assim, a coletividade é a força que impulsiona o pensamento, de modo que a sociedade dependerá sempre do indivíduo: “quando precisa que ele pense” (Weil, 2020, p. 100), e ele dependerá dela a cada segundo da sua existência.

### **Conclusão**

Encontra-se aqui, tanto em Marx como em Weil, a crença de que a transformação dos modos de produção, antes de se materializar, necessita ser de algum modo elaborada pelos sujeitos, ou seja, não surgirá de maneira espontânea. Ainda que se distanciem quanto à forma como isso se dará, ambos reconhecem a importância da coordenação entre os trabalhadores.

Ressalta-se ainda, a importância que ambos manifestam, para que toda a ação conjunta não se restrinja aos limites locais na qual se encontram os trabalhadores. Nesse sentido, torna-se imprescindível que se transponham as fronteiras entre os territórios para o êxito de qualquer movimento.

O pensamento de Marx e a força de suas ideias contribuem para elucidar o entendimento das configurações do trabalho que, conforme a história tem demonstrado, ainda hoje guardam fortes semelhanças com as estruturas que ele tão bem descreveu e criticou em 1867. Ainda assim, como não poderia deixar de ser, sua obra não é unanimidade, encontrando fortes opositores e críticos, inclusive em Simone Weil que sem



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

jamais desconsiderar sua importância, também divergiu de algumas de suas ideias, consideradas por ela “falhas” ou utópicas.

Ao apresentar a visão de Simone Weil e a importância que a mesma atribuía ao trabalho, o presente ensaio espera contribuir para divulgar a ideia dessa pensadora tão singular, que, assim como muitas mulheres de seu tempo, não logrou o devido reconhecimento.

Ademais, ao estabelecer um diálogo entre os dois autores, que viveram em um lapso de tempo de quase 70 anos, a vivacidade de suas ideias demonstra o quão vagarosas são as mudanças nas estruturas sociais, visto que as duas obras se apresentam, ainda hoje, relevantes e atuais.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

APOLINÁRIO, Valdênia. **A racionalização taylorista da produção e do trabalho**. Revista de economia regional, urbana e do trabalho, v. 5, n. 2, p. 31-42, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rerut/issue/view/860>. Acesso em: 06 de mai de 2025.

JONES, Gareth Stedman. **Karl Marx: Grandeza e Ilusão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna**. Campinas: Alínea, 2007.

MUSTO, Marcelo (org.) **Trabalhadores: Uni-vos!: Antologia política da I internacional**. Tradução Rubens Enderle. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl . **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

SILVA, Sabina Maura; ALVES, Antônio José Lopes. **O Ofício Técnico como Mediação Educativa em O Capital de Marx: O papel dos meios de Trabalho**. Trabalho & Educação: v. 29, p.29-46, 2020.

WEIL, Simone; BOSI, Ecléa (org.). **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WEIL, Simone. **Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020

Data de recebimento: 23/05/2025



## **O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx**

*Isabel de Lavôr e Silva*

Data de aceite: 21/07/2025

### **Como citar este artigo de acordo com a ABNT:**

SILVA, Isabel de Lavôr e. O trabalho como elo entre o pensamento de Simone Weil e Karl Marx. *Áskesis*, São Carlos, v. 14, n. 2, pp. 355-373, jul./dez., 2025. DOI: 10.14244/2238-3069.2025/29.